

DIREITO À EDUCAÇÃO: PARA QUÊ?

Leonardo Rafael de Araujo Zaromski¹

RESUMO

O Artigo XXVI da Declaração Universal dos Direitos Humanos garante o direito à instrução, sendo ela orientada para o desenvolvimento da personalidade humana, com ênfase no respeito, compreensão e tolerância entre as mais diversas nações. Existe um tipo de educação que somente aliena o ser humano e existe outro tipo que promove o diálogo, a criticidade, a problematização, a liberdade, é chamada de educação dialógica, desenvolvida e promovida por Paulo Freire. A educação é o meio mais eficaz para transformar as pessoas e a sociedade. Através da educação o homem constrói a sua personalidade humana. Sendo garantida pela Constituição Federal do Brasil, a instrução para todos é um direito e dever conquistado. A principal preocupação é saber que tipo de educação está sendo oferecida, e com quais propósitos ela está sendo desenvolvida. Educar para alienação ou educar para a libertação. Ter direito à educação não basta, é necessário “poder saber” como a sociedade está sendo educada e para quê.

Palavras-chave: Cidadania, Direitos Humanos, Educação, Sociedade.

INTRODUÇÃO

O tema principal a ser analisado é o Artigo XXVI da Declaração Universal dos Direitos Humanos, tendo como seu principal crítico Paulo Freire e alguns de seus principais comentadores, cujo problema fundamental a ser resolvido será: O Direito à educação contemplada pela Constituição de 1988 quer desenvolver a criticidade

¹ Bacharel e Licenciado em Filosofia pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel); Pós-graduando em Direitos Humanos e Cidadania pela Universidade Federal do Pampa (Unipampa) fraterzaromski@bol.com.br

nos cidadãos, ou quer apenas ser mais um instrumento de alienação e dominação para a população?

Dependendo do tipo de educação desenvolvida pelo Estado, pela família, pela sociedade e demais instituições, é possível desenvolver um processo de alienação ou de libertação. A educação bancária² é um dos instrumentos de alienação, todavia para obter-se o pleno desenvolvimento da liberdade humana, é necessário criar meios de libertação, pensamento crítico, diálogo, pronúncia do mundo através de uma educação dialógica. Para tanto, é de suma importância demonstrar que o ser humano não é objeto, mas sim sujeito do mundo, podendo modificar o contexto social no qual está inserido.

A Organização das Nações Unidas promulgou a Declaração Universal dos Direitos Humanos em 1948. Mas, segundo o pensamento de Coimbra (1999) ao explicar a crítica de Deleuze, ainda hoje os filhos do capitalismo tentam além de explorar, matar e exterminar os pobres, excluídos, marginalizados, miseráveis, convencê-los de que eles não são humanos. Os Direitos Humanos foram feitos, pensados, organizados, questionados, por aqueles que realmente não precisam deles, foram feitos por elites, grandes e poderosas que sustentam o capitalismo. Quando Deleuze é mencionado por Coimbra (1999), afirma que os Direitos Humanos só servem para massagear o ego da elite, dos burgueses e capitalistas que tendem a se autofirmar como senhores da vida e da morte de todos aqueles que precisam sobreviver em meio a um mundo em que a competitividade e o medo são o alicerce das relações de trabalho.

Segundo Coimbra (1999), o neo-liberalismo, enquanto sistema promovido por estas elites, promete resolver as grandes indagações e problemas da humanidade através de uma economia que incentiva o mercado livre de qualquer responsabilidade com o ser humano. Sem o Estado para intervir como mediador ou instrumento controlador da economia, o sistema neo-liberal acaba criando uma cultura de consumo desenfreado, irresponsável e destruidor, contribuindo para que a desigualdade social, a miséria, a fome, a violência, a doença, o medo, a falta de moradia, a educação desestruturada, o desemprego e os estigmas sociais cresçam cada vez mais.

² Trata-se de um modelo educacional em que o aluno é mero receptor de um conhecimento pré-estabelecido. Não há desenvolvimento de um processo educacional envolvendo a existência histórica do educando.

O sistema capitalista acaba define o que é o humano, a revelia dos Direitos Humanos que deveriam servir para defender todos aqueles que são de uma forma ou outra, violentados por regimes e sistemas que não respeitam a vida. Para mudar esta realidade é necessário antes mudar as consciências, seja através de políticas públicas ou movimentos sociais, criando a consciência de que basta ser humano para que meus direitos sejam respeitados, independente de minha situação financeira.

Um dos grandes meios para conscientização e modificação da realidade é a educação. A educação é um importante instrumento de transformação social quando ela estimula a criticidade e o engajamento do educando no mundo. Este poder de mudança mostra que ela é para todos. Apresentar ideias que nos levem a pensar em uma educação que contemple uma mudança da realidade é o objetivo do presente trabalho.

1 EDUCAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Segundo Susana Sacavino (2006, p. 457), o Brasil é um país marcado pela crescente desigualdade social e segundo o documento da Relatora Especial sobre direito à educação da Comissão de Direitos Humanos da O.N.U., ter direito à educação abrange todos os direitos, sendo uma resposta contra a desigualdade e a pobreza.

O conhecimento pode trazer aos educandos melhores condições de trabalho, capacitando-os e qualificando-os para melhor desenvolverem suas capacidades laborativas, mas isto consiste apenas em uma maneira para repor a mão-de-obra que o mercado capitalista exige. Qualifica-se o educando para adequá-lo às necessidades e exigências de mercado? Para ele ser massa de manobra? Para ser mero objeto e não sujeito de sua história? A vontade política, a sociedade civil e os recursos são o alicerce para a democratização da aprendizagem e a universalização dos direitos educacionais. Ter acesso à educação é umas das formas mais plenas de exercício da democracia.

É importante salientar, que a educação somente poderá ser um meio de intervenção social, quando homens, mulheres, crianças, adolescentes, jovens e forem capazes de perceberem o que é necessário transformar.

Trata-se de transformar consciências, hábitos, costumes, sistemas, organizações, para que a educação seja garantida a todos como um direito e um dever de quem exerce a cidadania.

Na Constituição Federal do Brasil de 1988 pode-se ler:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

A educação é direito de todos os seres humanos independente de sua situação econômica, credo religioso, opção sexual, etnia ou pensamento político. Através da educação o ser humano deve ser capaz de mudar a si e o que está ao seu redor, tomando consciência daquilo que pode e não pode fazer. Para que o educando possa assimilar a importância da educação, esta deve proporcionar-lhe uma aprendizagem que não apenas o ensine técnicas, desenvolvimentos manuais, motores, instrumentais, mas também desenvolva o intelecto, as emoções, a cidadania, a pergunta, o ato de questionar, o incentive a desacomodar-se, a dinamizar-se, a sair do conformismo e construir em conjunto uma sociedade que seja capaz de acolher e promover o ser humano apenas pelo simples fato dele ser uma pessoa, sem preocupar-se apenas com as suas capacidades e habilidades técnicas.

Um cidadão instruído é capaz de sair do comodismo, da anestesia e do conformismo que muitas vezes tornam-se costumeiros, por isso, a instrução que é oferecida e promovida pelo Estado deve auxiliar o cidadão a obter não só uma melhor qualificação profissional e adequação ao mundo do trabalho como também deve proporcionar-lhe o pleno desenvolvimento enquanto ser social, emocional, intelectual, cultural, artístico, desportivo, saudável, histórico.

Pode-se ler no Artigo XXVI da Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 10 de dezembro de 1948, o seguinte:

1. Toda pessoa tem direito à instrução. A instrução será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A instrução elementar será obrigatória. A instrução técnico-profissional será acessível a todos, bem como a instrução superior, esta baseada no mérito.
2. A instrução será orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais. A instrução promoverá a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e grupos

raciais ou religiosos, e coadjuvará as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz.

3. Os pais têm prioridade de direito na escolha do gênero de instrução que será ministrada a seus filhos.

Segundo pesquisas realizadas por Bordieu e Passeron, a meritocracia nas escolas, instituída pela burguesia, desempenha, solidifica e estimula cada vez mais que as hierarquias sejam reproduzidas na ordem social e econômica.

Não podendo invocar o direito de sangue – que sua classe historicamente recusou à aristocracia – nem os direitos da Natureza, arma outrora dirigida contra a “distinção” nobiliárquica, nem as virtudes ascéticas que permitiam aos empreendedores da primeira geração justificar seu sucesso através de seu mérito, o herdeiro dos privilégios burgueses deve apelar hoje para a certificação escolar que atesta simultaneamente seus dons e seus méritos. (BORDIEU;PASSERON, 1975, p.218 apud VIEIRA et al, 2013, p.04)

A meritocracia estimula cada vez mais a competitividade dentro da sala de aula, o educando não é estimulado ou provocado a ser alguém que seja capaz de mudar sua realidade junto com outro, mas sim a perpetuar uma prática que leva o ser humano a ser visto como coisa e não como pessoa. Ser uma coisa que disputa e que pela sua competência e vitória ganha a recompensa, sem pensar no outro colega que pode precisar de ajuda devido a alguma deficiência que possua. Estimulando meramente a tecnicidade, excluem-se as vivências e convivências dos educandos, deixando de lado suas histórias, conquistas, projetos e derrotas, fazendo os esquecer de sua história eles tornam-se apenas repetidores de técnicas aprendidas, não descobrem que existem várias formas de aprender, e uma delas é através das experiências de vida de cada educando.

Desenvolver a personalidade humana é um dever de todos. Ela pode ser manifestada através da presença do outro. Diante do outro eu sou e estou sendo, num processo dialético de construção da subjetividade. Podemos entender com Jandir Zanotelli em seu livro: “Ontologia do Diálogo” que o Ser é o encontro

Mistério pessoal, na gratuidade do Amor que se entrega, Dom que não é um sujeito entregando um objeto, mas a própria doação em pessoa, o Ser não é individual e solitário, mas comunhão solidária. Comunhão que não é outra coisa que a própria manifestação, que a própria expressão da Comunhão. Em sendo comunhão e Encontro, o Ser é o próprio acontecimento do Encontro, linguagem absoluta. Nela acontece a expressão absoluta, o apelo, o convite, a vocação absoluta, a comunicação e a resposta absoluta. A noção de encontro, comunhão e absoluto, não pode ser compreendida a partir da metafísica. Por isso não cabe discutir, para fundar, as provas ou a dialética do absoluto. Ambas derivam, como tentativa linguística, da

experiência do absoluto, do Ser. Sem amor, sem estar na verdade do Ser, é impossível para o homem encontrar-se. Mas o amor, que possibilita originariamente o encontrar-se, não é propriedade do homem nem fruto da subjetividade do homem. O Amor, bastando-se a si mesmo, é o bastante para o homem. Nele o homem se encontra com o outro, através das coisas. Ele cria no homem a boa vontade, e sem boa vontade é impossível o entendimento entre dois homens. Impossível que o homem se compreenda, se encontre ante o outro. Na falta da boa vontade jamais uma palavra será compreendida por alguém. Entre dois inimigos, qualquer palavra é ofensa. Entre dois amigos qualquer palavra é amor. Basta um gesto, uma senha, e o outro amigo logo compreenderá o que se quis dizer. Adivinhará, antecipando o significado porque já estava vinculado ao outro, presente ao outro no mistério do amor, na verdade do Ser (ZANOTELLI, 1996, p. 79-80).

O ser humano é aquele que deve respeitar o seu semelhante, que não deve tornar seu colega um obstáculo que precisa ser superado em nome da competição capitalista do mercado. O amor e as coisas são as possibilidades criadas para que a pessoa possa encontrar-se com os outros. Assim, a palavra é torna-se o principal mistério desvelado entre seres que se compreendem e se completam.

Segundo Antonio Gramsci, o ambiente escolar deve abrir possibilidades para o educando, deve possibilitar sua liberdade e não escravizá-lo e torná-lo um mero repetidor mecânico. Para ele

[e]scola que não hipoteque o futuro do jovem e não constanja a sua vontade, a sua inteligência, a sua consciência em formação a mover-se dentro de um trilho com direção pré-fixada. Uma escola de liberdade e de livre iniciativa e não uma escola de escravidão e mecanicidade. (Gramsci, 1975, p. 82, apud RODRIGUES et al, 2002, p.09).

Sem descartar a importância da escola como um importante instrumento de desenvolvimento da personalidade humana, Gramsci demonstra que é preciso desenvolver as capacidades da técnica, sem jamais esquecer de desenvolver juntamente as capacidades intelectuais, segundo ele precisamos de uma

[e]scola única inicial de cultura geral, humanista, formativa, que equilibre equanimente o desenvolvimento da capacidade de trabalhar manualmente (tecnicamente, industrialmente) e o desenvolvimento das capacidades de trabalho intelectual." (Gramsci, 1978b, p. 118, apud RODRIGUES et al, 2002, p.14).

O ser humano precisa desenvolver suas capacidades em sua totalidade, ser capaz de fazer, de pensar, de criticar, de observar, e também de governar. Na educação vista por este aspecto,

[...] a tendência democrática, intrinsecamente, não pode consistir apenas em que um operário manual se torne qualificado, mas em que cada "cidadão" possa se tornar "governante" e que a sociedade o coloque, ainda que "abstratamente", nas condições gerais de poder fazê-lo: a democracia política tende a fazer coincidir governantes e governados (no sentido de governo com o consentimento dos governados), assegurando a cada governado a aprendizagem gratuita das capacidades e da preparação técnica geral necessárias ao fim de governar." (Gramsci, 1991, p. 137, apud RODRIGUES et al, 2002, p.18).

No Artigo XXVI da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), é mencionado que é função da educação desenvolver a personalidade humana e fortalecer o respeito pelos direitos e liberdades que são o alicerce da sociedade ocidental contemporânea, pode-se entender esse desenvolvimento pleno da personalidade humana, como a capacidade de exercer a cidadania, de ser crítico e responsável com as obrigações e deveres adquiridos e garantidos por lei.

Tal é a perspectiva apresentada por Paulo Freire, conforme nos confirma Sérgio Pedro Herbert, no verbete "cidadania" do dicionário Paulo Freire (2008, p. 74), ao afirmar que

[a] educação com vistas à cidadania é o objetivo de Freire desde o começo de sua atuação como educador. A cidadania em Freire é compreendida como apropriação da realidade para nela atuar, participando conscientemente em favor da emancipação. Para Freire cidadão pode ser e deve ser o lavrador, a faxineira, o assalariado, as mulheres do campo, da faxina, as que vivem do salário, as funcionárias públicas. Todo ser humano pode e necessita ser consciente de sua cidadania. É necessário que seja consciente de sua situação e de seus direitos e deveres como pessoa humana. O humanismo progressista está associado à vivência da cidadania e uma realidade e com a qual o sujeito se encontra.

No Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (2007, p. 25), entende-se que

[a] educação em direitos humanos é compreendida como um processo sistemático e multidimensional que orienta a formação do sujeito de direitos, articulando as seguintes dimensões:

- a) apreensão de conhecimentos historicamente construídos sobre direitos humanos e a sua relação com os contextos internacional, nacional e local;
- b) afirmação de valores, atitudes e práticas sociais que expressem a cultura dos direitos humanos em todos os espaços da sociedade;
- c) formação de uma consciência cidadã capaz de se fazer presente em níveis cognitivo, social, ético e político;
- d) desenvolvimento de processos metodológicos participativos e de construção coletiva, utilizando linguagens e materiais didáticos contextualizados;

e) fortalecimento de práticas individuais e sociais que gerem ações e instrumentos em favor da promoção, da proteção e da defesa dos direitos humanos, bem como da reparação das violações.

Estimular e promover os Direitos Humanos compete ao Estado, a família, as instituições, associações, a cada um de nós em particular. Quando somos portadores e multiplicadores de valores, respeitando as diferenças culturais, étnicas, religiosas, políticas, filosóficas e cognitivas, estamos criando uma cultura que promove os Direitos Humanos. Educar para a apropriação dos Direitos é a forma mais eficaz na consolidação e efetivação do ser enquanto humano. Somos seres sociais, propícios a conflitos, desavenças, desentendimentos, desacordos, mas também somos seres capazes de mudanças. Nesta perspectiva, o plano nacional também afirma que

Nos termos já firmados no Programa Mundial de Educação em Direitos Humanos¹³, a educação contribui também para:

- a) criar uma cultura universal dos direitos humanos;
- b) exercitar o respeito, a tolerância, a promoção e a valorização das diversidades (étnico-racial, religiosa, cultural, geracional, territorial, físico-individual, de gênero, de orientação sexual, de nacionalidade, de opção política, dentre outras) e a solidariedade entre povos e nações;
- c) assegurar a todas as pessoas o acesso à participação efetiva em uma sociedade livre. (P.N.E.D.H, 2007, p. 25)

Respeitar a diversidade cultural, tolerar as diferenças, promover uma política que seja ética, optando por candidatos que não sejam corruptos, estimular a promoção de valores que auxiliem na consolidação dos Direitos Humanos, são algumas das contribuições que a educação pautada nos Direitos Humanos é capaz de realizar.

Ser cidadão é participar da sociedade, construir um mundo melhor, modificar a realidade na qual estamos inseridos, transformar a sociedade que constituímos. Mas, para que a realidade que nos cerca possa ser afetada, precisamos utilizar de meios que a restabeçam como instrumento potencializador de cidadania e ética. Nesse sentido, confluem os objetivos do PNEDH (2007,p. 26):

- a) destacar o papel estratégico da educação em direitos humanos para o fortalecimento do Estado Democrático de Direito;
- b) enfatizar o papel dos direitos humanos na construção de uma sociedade justa, equitativa e democrática;
- c) encorajar o desenvolvimento de ações de educação em direitos humanos pelo poder público e a sociedade civil por meio de ações conjuntas;

- d) contribuir para a efetivação dos compromissos internacionais e nacionais com a educação em direitos humanos;
- e) estimular a cooperação nacional e internacional na implementação de ações de educação em direitos humanos;
- f) propor a transversalidade da educação em direitos humanos nas políticas públicas, estimulando o desenvolvimento institucional e interinstitucional das ações previstas no PNEDH nos mais diversos setores (educação, saúde, comunicação, cultura, segurança e justiça, esporte e lazer, dentre outros);
- g) avançar nas ações e propostas do Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH) no que se refere às questões da educação em direitos humanos;
- h) orientar políticas educacionais direcionadas para a constituição de uma cultura de direitos humanos;
- i) estabelecer objetivos, diretrizes e linhas de ações para a elaboração de programas e projetos na área da educação em direitos humanos;
- j) estimular a reflexão, o estudo e a pesquisa voltados para a educação em direitos humanos;
- k) incentivar a criação e o fortalecimento de instituições e organizações nacionais, estaduais e municipais na perspectiva da educação em direitos humanos;
- l) balizar a elaboração, implementação, monitoramento, avaliação e atualização dos Planos de Educação em Direitos Humanos dos estados e municípios;
- m) incentivar formas de acesso às ações de educação em direitos humanos a pessoas com deficiência.

Ser cidadão é ser capaz de utilizar dos meios que nos são adequados para melhor agirmos e sermos. Educação, lazer, esporte, arte, cultura, habitação, alimentação, saúde, justiça, segurança, transporte, são apenas instrumentos para a promoção humana.

Segundo Paulo Freire (1967, p. 36), em seu livro: *Educação como prática da liberdade*,

[a] educação das massas se faz, assim, algo de absolutamente fundamental entre nós. Educação que, desvestida da roupagem alienada e alienante, seja uma força de mudança e de libertação. A opção, por isso, teria de ser também, entre uma “educação” para a “domesticação”, para a alienação, e uma educação para a liberdade. “Educação” para o homem-objeto ou educação para o homem-sujeito.

Para Freire, a educação só será transformadora se oportunizar ao educando a criticidade sobre a sua realidade, caso contrário a educação será apenas uma mera alimentadora de um sistema que oprime, escraviza e violenta a dignidade humana. Quando a educação leva o educando a tomar consciência dos problemas sociais e tomar decisão diante dos problemas cotidianos, podemos dizer que o educando não é mero espectador de sua história, mas um agente transformador dela. somente através da educação o homem pode ser livre.

Nesse sentido, almeja-se por meios que auxiliem para a concretização da liberdade como exercício de cidadania. “A liberdade é concebida como o modo de ser o destino do Homem, mas por isto mesmo só pode ter sentido na história que os homens vivem” (FREIRE, 1967, p. 06). A finalidade da vida humana se dá, portanto, lutando, sofrendo, construindo, sonhando e almejando a liberdade. Liberdade que significa poder exercer a política, poder ser respeitado, poder ter uma moradia digna, poder ter uma alimentação adequada e trabalho.

Todo ser humano quer viver de maneira que sua liberdade de expressão, pensamento religioso, político e filosófico, não sejam oprimidos, ou que sofram perseguições por exercê-lo. Isto significa, liberdade para ser, viver, amar, crer, trabalhar, dialogar, partilhar, liberdade que permeie todos os âmbitos essenciais para o exercício pleno de uma cidadania que auxilie na construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

Para Josefa Magdalena Sáenz

[...] la libertad cultural se reafirma en la búsqueda de la verdad en el campo de la investigación y en la transmisión de la verdad en el campo de la enseñanza, estamos concediendo a la verdad un dinamismo intrínseco que le lleva a perfeccionar al hombre. Educar sería comunicar *en la verdad* y solo cuando las palabras del educador sean expresión de *verdad* lograrán penetrar en la interioridad del educando y forjar su personalidad, fin que nosotros encomendamos a la tarea educativa (SÁENZ, 2000, p. 157)

A liberdade do ser humano é caracterizada pelo anseio, vontade, curiosidade e busca pela verdade, seja através de pesquisas, estudos, ou simplesmente pela aquisição e interiorização dos ensinamentos apreendidos na convivência entre os sujeitos de conhecimento. Para Magdalena, o alicerce da educação está na transmissão da verdade através das vivências e exemplos dos educadores, que marcam e transformam às vidas de seus educandos. Educadores inseridos na realidade social são uma exigência para que a educação seja eficaz. Ensinar a questionar e estimular a problematização são formas que fazem dos educandos agentes de seu conhecimento. A educação é dinâmica quando não serve aos dominantes, opressores, exploradores e manipuladores. O conhecimento é dialético quando os sujeitos epistemológicos conseguem exercer sua liberdade frente ao mundo que muitas vezes é um mistério para aqueles que ignoram.

2 A EDUCAÇÃO DIALÓGICA

É possível uma educação que promova a liberdade e a criticidade sobre os problemas sociais e não seja uma educação alienante que promova somente o interesse dos ricos e poderosos, que oprimem, matam e são capazes de destruir tudo e todos em nome da ganância, da riqueza e da manipulação.

Para entrar no pensamento freireano será usada a explicação de Ivanilde Apoluceno de Oliveira em seu livro *Filosofia da educação – Reflexões e debates* que comenta sobre a Pedagogia humanista-libertadora de Paulo Freire. Na obra supracitada a autora explica que a

[p]edagogia elaborada por Paulo Freire, apresenta-se como uma pedagogia *humanista, problematizadora, libertadora, dialógica, da pergunta, da autonomia, da esperança, da indignação, dos sonhos possíveis e da tolerância*. Fundamenta-se no existencialismo, personalismo e nos pressupostos teóricos de Marx e Gramsci. A *pedagogia freireana* compreende homens e mulheres como *seres inconclusos*, inacabados e incompletos, que por perceberem 'que não sabem tudo', buscam o saber, o conhecimento e o seu aprimoramento enquanto ser humano. O ser humano, também, é visto como *ser de relação* (reflexivo, conseqüente, transcendente e temporal), cuja relação dialética homem-mundo possibilita a sua característica existencial de *sujeito* do conhecimento, da história e da cultura. É um *sujeito concreto*, que existe *no* mundo e *com* o mundo, enquanto *corpo consciente*, cuja consciência é intencionada para fora de si, para um mundo que não é mero objeto de contemplação, mas tem a marca de sua ação. O ser humano nesta relação homem-mundo é concebido como *ser de práxis* (reflexão-ação). Para Freire (1983, p. 42): 'Num pensar dialético, ação e mundo, mundo e ação estão intimamente solidários. Mas a ação só é humana quando, mais que um puro fazer, é um quefazer, isto é, quando também não se dicotomiza da reflexão' (OLIVEIRA, 2006, p. 118-119).

Através das vivências e convivências modifica-se o ser. Pelo contato com o outro que também passa por situações e problemas iguais, edifica-se o ser. Neste sentido, devido a inconclusão, o inacabamento e incompletude do ser, não é permitida a estagnação, pois o ser humano é movimento. Na perspectiva de Freire, por causa da sua incompletude, o homem sempre aprende com o outro, nessa troca acaba-se ensinando algo da cotidianidade que frequentemente passa despercebido, por ser algo tão simples não recebe o devido valor.

Os seres humanos são seres relacionais, de modo a serem mediatizados pelo mundo. Significando que o acontecer humano se dá através da relação homem-mundo-homem, ou seja, os seres humanos não se relacionam apenas entre si, dependem do mundo.

Segundo Ivanilde,

Freire no processo educativo enfatiza os elementos subjetivos, especificamente a relação professor e aluno, que se apresenta como dialógica. Faz uma análise epistemológica da educação, destacando professor e aluno como *sujeitos* do conhecimento. A educação se apresenta como *situação gnosiológica*, na qual os sujeitos, mediatizados pelo mundo, conhecem e comunicam-se sobre a realidade conhecida. O diálogo em Freire (1980a, p.78) adquire uma conotação existencial e política, na medida em que possibilita ao professor(a) e ao aluno(a) serem sujeitos não só do conhecimento, mas da história e da cultura, capazes de compreenderem a realidade, problematizá-la e modificá-la.

A 'educação como prática da liberdade' não é a transferência ou a transmissão do saber nem da cultura; não é a extensão de conhecimentos técnicos; não é o ato de depositar informes ou fatos nos educandos; não é a 'perpetuação dos valores de uma cultura dada; não é o esforço de adaptação do educando ao seu meio [...] é, sobretudo e antes de tudo, uma situação verdadeiramente gnosiológica. Aquela em que o ato cognoscente não termina no objeto cognoscível, visto que se comunica a outros sujeitos igualmente cognoscentes (OLIVEIRA, 2006, p. 119).

Segundo Oliveira (2006), Paulo Freire critica, questiona e analisa o caráter assistencial e de adaptação alienante que o processo educativo se cobre quando se transforma num sistema de transmissão mecânica e de memorização do conhecimento depositado pelo professor ao aluno. Assim sendo, o processo dialógico requer co-participação e co-responsabilidade, cabendo ao educador e ao educando investigarem, procurarem o conhecimento, para assim irem à aula, entendida por Freire como um 'encontro em que se busca o conhecimento', que esta possa realmente ser, um espaço democrático onde todos têm valor, opinião própria. Aqui a sala de aula é vista também como lugar político onde as pessoas podem expressar seus anseios e projetos, lugar onde ocorre o anúncio e a denúncia. O processo de transformação social começa a acontecer já no próprio encontro dialógico na sala de aula e na relação educador e educando. O próprio questionar sobre o conhecimento, sua utilidade como engajamento social próprio da existência de cada sujeito é marca característica de uma educação dialógica.

A explicação de Ivanilde continua a afirmar que

[a] educação freireana apresenta um *caráter libertador*, porque pressupõe a libertação de homens e mulheres, enquanto sujeitos, da adaptação, da alienação em relação ao conhecimento e à história, sendo capazes de problematizar e teorizar sobre a realidade social vivida e de posicionarem-se criticamente perante as contradições de classe social. Nesta perspectiva, segundo Freire, o ser humano *integra-se* à sociedade, e esta seria a função da escola. A escola visaria integrar o indivíduo à sociedade, contribuindo para transformação social, por meio de uma prática educativa criativa, participativa, dialógica e conscientizadora.

Pelo diálogo, Freire (1985^a,p.53;1986,p.102) critica o *autoritarismo* no processo educacional, que não consiste em eliminar a autoridade do professor em aula e, sim, na utilização pelo professor dessa autoridade para oprimir, reprimir ou manipular ideologicamente o educando.

Quanto mais se 'embrutece' a capacidade inventiva e criadora do educando, tanto mais ele é apenas disciplinado para receber 'respostas' a perguntas que não foram feitas [...] Quanto mais se adapta o educando a tal procedimento, tanto mais ironicamente se pensa que essa é uma educação produtiva. No fundo, essa é uma educação que reproduz o autoritarismo do modo de produção capitalista [...] 'Algumas pessoas de esquerda estão religiosamente convencidas de que receberam uma procuração de Deus, apesar de não acreditarem em Deus, para *salvar* os estudantes, para *salvar* o povo. Acreditam ter a verdade nas mãos, e ser sua tarefa caminhar pelo mundo como *peregrinos da revolução*, sem discutir a 'verdade', mas simplesmente colocando-a dentro do maior número possível de cabeças (OLIVEIRA, 2006, p. 120).

Freire acredita que através da educação, homens e mulheres podem libertar-se juntos dos ambientes alienantes e alienados em que muitas vezes encontram-se, lutando contra aquilo que era comumente adotado como real, seguro e permanente, embora esta talvez seja uma das tarefas mais difíceis para o ser humano.

A realidade se apresenta codificada aos olhos, mas é possível decodificá-la quando há uma tomada de consciência e uma problematização da vida social. Criticar uma realidade social é a maneira que o sujeito possui para ser protagonista de sua história e não mero expectador.

O papel que a escola traz consigo é de auxiliar o indivíduo no processo de conscientização social através da ação-reflexiva, esta prática chama-se engajamento participativo, a qual podemos compreender com mais clareza desde a explicação que Ivanilde continua a dar da metodologia freireana.

O método dialógico, o de 'intercomunicação entre os indivíduos mediatizados pelo mundo', torna-se, também, no meio de articulação entre o saber cotidiano, experiencial de vida com o saber erudito, sistematizado e rigoroso. Para Freire e Faundez (1985^a, p. 58), 'a união entre o saber e o senso comum é fundamental para qualquer concepção de luta política, de educação, de processo educativo'.

Freire redefine o papel do professor e do aluno, cabendo ao educador dialogar sobre situações concretas para que ocorra a superação da consciência ingênua, visando uma práxis educativa crítica e criativa e ao educando participar de forma co-responsável na ação educativa, problematizando a realidade, objetivando conhecê-la e transformá-la. O *educador-educando* é o que tem função de ensinar, mas aprende no processo educativo e o *educando-educador* é o que tem o papel de aprender, mas que ensina na ação pedagógica (OLIVEIRA, 2006, p.120-121).

A relação dialética entre conhecimento comum e conhecimento erudito deve acontecer de maneira que ambas as partes sejam valorizadas e se auxiliem na relação entre educador-educando e educando-educador, para que através de fatos concretos do mundo possam tomar consciência da realidade e transformá-la.

Assim, a relação ensino-aprendizagem se dá de forma horizontal, pois há uma igualdade entre todos. O educador quando ensina também aprende através da troca de experiências de vida com seus educandos, por isso, o educador é ao mesmo tempo educando, e o educando quando aprende também ensina ao seu educador certas realidades que passam muitas vezes despercebidas aos olhos de quem tem uma condição social diferente.

A forma como se ensina em sala de aula deve partir de uma atitude de humildade.

Há uma conotação de humildade inerente a essa concepção dialógica de educação ao romper com a visão tradicional de que *o professor é o que sabe e o aluno o que não sabe*. Freire (1985a) critica a pedagogia tradicional, considerando-a, além de *bancária*, uma *pedagogia da resposta*, já que há uma transmissão de conteúdos prontos e acabados pelo professor e delinea o seu pensamento educacional como uma *pedagogia da pergunta*. Em Freire a *pergunta* adquire uma dimensão *existencial* e política, ou seja, a pergunta é compreendida como inerente ao processo de conhecimento humano. O ser humano por que tem curiosidade em conhecer, e ao reprimir-se o ato de perguntar na ação pedagógica há um processo de desumanização e de alienação, na medida em que o ser humano deixa de *ser* e de *se ver* sujeito do conhecimento e da história, não sendo capaz de posicionar-se criticamente frente a realidade vivida. A pergunta, também, adquire uma conotação *metodológica* na medida em que todo processo de pesquisa parte de questões-problemas que norteiam o trabalho de investigação (OLIVEIRA, 2006, p. 121).

Como sujeitos do conhecimento que acreditam na humildade para que o saber possa acontecer através do diálogo comprometido com a existência humana, Freire contrapõe-se a educação bancária e propõe a educação problematizadora, a educação da conscientização, a educação da pergunta e não a educação da resposta decorada.

Uma educação que proporcione a libertação do ser humano diante dos ambientes de alienação. Para sair da alienação é necessário ser crítico. No verbete *criticidade* feito por Carlos Eduardo Moreira no *Dicionário Paulo Freire* enuncia-se o seguinte:

[a] criticidade, para Freire, é a capacidade do educando e do educador refletirem criticamente a realidade na qual estão inseridos, possibilitando a constatação, o conhecimento e a intervenção para transformá-la. Essa capacidade exige um *rigor metodológico*, que combine o 'saber da pura experiência' com o 'conhecimento organizado', mais sistematizado. O seu principal objetivo é fazer com que as pessoas e as classes oprimidas, que aceitem esse desafio, possam *pensar certo* e se constituírem como sujeitos históricos e sociais, que pensam, criticam, opinam, têm sonhos, se comunicam e dão sugestões (FREIRE, 1997, apud MOREIRA, 2008, p. 105).

O pensamento crítico que deve ser incentivado na sala de aula, tanto para o educador-educando como para o educando-educador ele é a potencialidade crítica, o ato de refletir de maneira crítica a realidade na qual se vive, mas que às vezes se esconde.

Como pessoas que estão inseridas num determinado contexto sócio-cultural e que são pertencentes a determinada classe social, quando realmente entra-se em contato com o mundo, com seus problemas de miséria, fome, desemprego, desnutrição, analfabetismo, drogas, violência, intolerância, pode-se até mesmo pensar que tudo está perdido, uma atitude reinante em muitas comunidades. Às vezes o pessimismo e o comodismo reinam, mas o tempo do reinado pessimista deve acabar, pois somos capazes de intervir no mundo e de transformá-lo.

Quando se pronuncia o mundo, a pronúncia deve ser de anúncio e denúncia, pronúncia de criação e recriação, pronúncia de transformação do mundo.

Somente o diálogo, que implica num pensar crítico, é capaz, também, de gerá-lo. Sem ele, não há comunicação e sem esta não há verdadeira educação. A que, operando a superação da contradição educador-educandos, se instaura como situação gnosiológica, em que os sujeitos incidem seu ato cognoscente sobre o objeto cognoscível que os mediatiza. Daí que, para esta concepção como prática da liberdade, a sua dialogicidade comece, não quando o educador-educando se encontra com os educandos-educadores em uma situação pedagógica, mas antes quando aquele se pergunta em torno do conteúdo programático da educação (FREIRE, 1981, p. 98).

Quando se nos dispomos a dialogar, nos colocamos a pensar de uma maneira crítica, pois, "diálogo não é perguntas e respostas". O diálogo deve ser sempre uma surpresa. Não deve-se manipular o diálogo, diálogo não é manipulação, caso isso acontecesse ele deixaria de ser verdadeiro e crítico. Mas, o que é o diálogo? Em nosso ver, seguindo a perspectiva freireana: "Diálogo é a construção de um mundo de significados".

Sob esse aspecto, Ivanilde continua a demonstrar que a educação freireana é caracteristicamente humanista, pois:

[o] discurso de Freire (2001, p. 86) sobre a educação é [...] em favor do sonho, da utopia, da liberdade, da democracia é o discurso de quem recusa a acomodação e não deixa morrer em si o gosto de ser gente, que o fatalismo deteriora’.

A pedagogia freireana é, portanto, humanista porque se dimensiona pela articulação entre o existencial, o político e o ético.

Para Freire (1993b, p.91): a ética ou a qualidade ética da prática educativa libertadora vem das entranhas mesmas do fenômeno humano, da natureza humana constituindo-se na história, como vocação para o ser mais. Trabalhar contra essa vocação é trair a razão de ser de nossa presença no mundo, que terminamos por alongar em presença com o mundo. A exploração e a dominação dos seres humanos, como indivíduos e como classes, negados no seu direito de estar sendo, é imoralidade das mais gritantes (OLIVEIRA, 2006, p. 121-122).

Paulo Freire demonstra que sonhar e lutar pela liberdade, pela democracia é próprio daqueles que não se acomodam com a realidade em que estão. Como seres para a liberdade é necessário combater, independentemente de classes sociais, qualquer tipo de dominação ou exploração que aconteça.

Após a explicação sobre as principais características da educação freireana Ivanilde (2006, p. 122) resume a Pedagogia humanista-libertadora de Freire da seguinte maneira:

- Elaborada por Paulo Freire na década de 60, defendida por Moacir Gadotti, Carlos Rodrigues Brandão, Regina Leite Garcia, entre outros.
- Compreende o ser humano como ‘ser inconcluso’, que por perceber que ‘não sabe tudo’ busca o saber e o seu aprimoramento enquanto ser humano. Ser humano visto, também, como ‘ser de relações’ com o mundo (reflexivo, conseqüente, transcendente e temporal) e ‘ser de práxis’ (reflexão-ação).
- A educação é compreendida como comunicação, diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos que buscam o conhecimento. A educação apresenta-se como *situação gnosiológica e prática da liberdade*, na qual os sujeitos, mediatizados pelo mundo, conhecem e comunicam-se sobre a realidade conhecida. A educação tem um caráter libertador porque pressupõe a libertação do ser humano, enquanto sujeito, da adaptação, da alienação, em relação ao conhecimento e à história. A aula é entendida como ‘encontro que se busca o conhecimento’.
- Enfatiza os elementos subjetivos e relacionais da educação: aluno e professor como *sujeitos* do conhecimento e a relação dialógica do processo educativo, na qual o educador-educando tem função de ensinar, mas também aprende e o educando-educador aprende, mas também ensina.
- A função da escola é preparar criticamente o indivíduo, integrando-o à sociedade, contribuindo para a transformação social, por meio de uma prática criativa, participativa, dialógica e conscientizadora.
- O método *dialógico* e o da pergunta tornam-se os veículos de articulação entre o saber cotidiano, experiencial e popular dos alunos com o saber erudito e escolar, bem como instrumentais para o desenvolvimento da consciência crítica, na busca do desvelamento da realidade social.

EDUCADOR – EDUCANDO ⇔ MUNDO ⇔ EDUCANDO – EDUCADOR

Após a explicação detalhada de Ivanilde Oliveira e o resumo sobre a educação libertadora de Paulo Freire com suas principais características sobre o ser humano e como se dá o processo educativo, passamos a apresentar a metodologia freireana de ensino-aprendizagem.

Paulo Ghiraldelli Jr. em seu livro sobre *Filosofia da Educação* demonstra o processo de ensino-aprendizagem de Paulo Freire em três passos:

1. Vivência com as palavras e problemas comuns da comunidade de onde saíam os educandos.
2. Lista de palavras e questões que emergiriam da comunidade através do passo anterior. Transformação das questões em problemas – ‘problematização’ dos temas, palavras e assuntos. Politização dos problemas. Discussão de encaminhamentos de soluções e discussão de soluções e discussão de soluções propriamente ditas a partir da “conscientização” dos problemas.
3. Ação política em favor da solução dos problemas (GUIRALDELLI JR., 2000, p. 23-24).

Consultando o *Dicionário Paulo Freire* verbete *método paulo freire* elaborado por Carlos Rodrigues Brandão, vemos como ele demonstra que:

Paulo Freire não criou um ‘método de alfabetização’. Ele estabeleceu em um artigo publicado originalmente em *Estudos universitários*, da Universidade do Recife, ‘Conscientização e Alfabetização : uma nova visão do processo’, todo um projeto integrado de educação, que começava com um método de alfabetização e concluía com a proposta de uma universidade popular o método e alfabetização era apenas o primeiro seu andar. A unidade de um grupo de alfabetizandos, de acordo com o ‘Método Paulo Freire’, não se constituía como uma ‘turma de alunos’ ou como uma ‘turma de alfabetizandos’. Todos os participantes criavam com sua presença a unidade de um *círculo de cultura*. Descrevo aqui de maneira bastante sintética os seus momentos. Para quem deseje um conhecimento mais completo, recomendo livros já nossos conhecidos de Paulo Freire e de suas equipes (RODRIGUES BRANDÃO, 2008, 267-268).

A vida de cada educando com suas particularidades, seus problemas, seus dilemas, seus anseios, suas frustrações, seus projetos, suas realizações, tudo isso é fonte para que as palavras buscadas realmente saiam da realidade de cada educando auxiliando assim a pesquisa do universo vocabular através do universo temático de cada pessoa.

Carlos Brandão comenta que

[e]m um primeiro momento, com ajuda de uma pessoa alfabetizada e devidamente treinada para ser um acompanhante do grupo, os componentes do círculo de cultura eram incentivados a realizarem atividades destinadas a um primeiro conhecimento de sua própria comunidade e a elaborarem, a partir de uma pesquisa do universo

vocabular e do universo temático, o próprio material com que a seguir realizariam o seu aprendizado. De certo modo este procedimento de ignorar uma cartilha ou um material “pronto e acabado” e convocar os alfabetizando a uma pequena “pesquisa de campo” em sua própria comunidade constitui-se como uma das experiências pioneiras do que veio a ser mais tarde a *pesquisa participante* (BRANDÃO, 2008, p. 263-264).

O material didático irá nascer a partir da experiência e vida de cada indivíduo participante de uma determinada comunidade, com sua cultura própria, seus valores, seu jeito de ser. Durante a pesquisa é observado como os indivíduos de certa comunidade se relacionam entre si e também são anotadas palavras que são utilizadas entre eles, tudo aquilo que carrega em si o significado de mundo daquela determinada comunidade.

Para continuar a explicação sobre o método de alfabetização de Freire,

[e]m um segundo momento, de posse do ‘material coletado’, a equipe do círculo de cultura envolvia-se no trabalho de processar o material do levantamento das palavras geradoras e do universo temático que se constituiria como a matéria-prima de um trabalho coletivo de criação de saberes e de aprendizagem de ‘ler palavras e ler o mundo’. Diferentes fichas e pequenos cartazes eram coletivamente elaborados com os recursos locais e com a participação de todas as pessoas, tanto quanto possível (BRANDÃO, 2008, p. 264).

Após o levantamento feito na comunidade e com o material que foi tirado da realidade local, o círculo de cultura analisa tudo que foi registrado no período das observações e anotações. As palavras geradoras e o universo temático fundamentam todo material educativo da comunidade que será utilizado para o ensino-aprendizagem dos educandos.

Passamos agora para o terceiro e último passo da alfabetização freireana.

A seguir, reunidos não de acordo com a geometria da sala de aulas tradicional, mas em um círculo em que o monitor ocupava um dos lugares equidistantes de um mesmo centro, e em que todos estavam uns ao lado dos outros e, nunca, uns atrás dos outros e diante de um ‘professor’, todos eram motivados a participarem de um livre debate, incentivados pela apresentação de uma seqüência de fichas de cultura. Fichas projetadas ou rusticamente desenhadas, em que diferentes imagens simples introduziam idéia de serem as pessoas, logo, serem eles próprios, agentes criadores do mundo de cultura em que viviam. O trabalho do monitor ou do coordenador do grupo era incentivar um máximo de participações. Propiciar o falarem e o exporem, com as suas palavras, as idéias, os seus ‘pensamentos’, a partir de como interpretavam os desenhos de cada uma das ‘fichas de cultura’ e, sobretudo, a partir de suas próprias memórias de experiências de vida (BRANDÃO, 2008, p. 264).

Conforme o pensamento de Paulo Freire e segundo o contexto histórico que ele viveu, até mesmo a mudança no ambiente da sala de aula tem um objetivo. Os educandos devem se sentar de maneira circular, mostrando assim que quando sentamos em círculo estamos dizendo de maneira organizacional que somos todos iguais. Através desta disposição de igualdade o monitor será o provocador do debate. Ele é aquele que irá incentivar através das fichas de cultura: desenhos, slides ou outro tipo de imagem que reflita a realidade que foi observada sobre a vida dos educandos. Material didático que nasceu da vivência dos educandos, material onde eles se enxergam e onde eles valorizam e reconhecem sua própria cultura.

O monitor deve provocar o maior número de participantes possíveis para que os educandos possam falar e expressarem à maneira o que estão pensando diante daquelas imagens que revelam o seu dia a dia.

O processo de alfabetização continua.

A alfabetização propriamente dita começava logo após. Ela prosseguia um processo ativo e partilhado em que, através do desdobramento de cada uma das escolhidas palavras geradoras em seus fonemas, todos eram incentivados a procurarem trabalhar o processo de decodificação, formando palavras existentes, 'reais' ou não, e procurando integrar palavras em feixes de sentido, em pequenas frases que iam se tornando mais elaboradas e complexas ao longo do aprendizado.

Todos os procedimentos de comparação entre desempenhos eram abolidos. Cada um auto-avaliava o desenvolvimento de sua aprendizagem segundo os princípios expostos no verbete círculo de cultura (BRANDÃO, 2008, p. 264).

O processo de alfabetização é um processo de partilha entre todos aqueles que participam deste momento educacional. As palavras geradoras juntamente com seus fonemas auxiliam o educando no ato de decodificar o mundo criando palavras de vida. Palavras que realmente existam e que façam sentido para aqueles que estão aprendendo a ler e escrever o mundo.

Segundo o educador,

[n]ão há, por outro lado, diálogo, se não há humildade. A *pronúncia* do mundo, com que os homens o recriam permanentemente, não pode ser um ato arrogante. O diálogo, como encontro dos homens para a tarefa comum de saber agir, se rompe, se seus pólos (ou um deles) perdem a humildade. Como posso dialogar, se alieno a ignorância, isto é, se a vejo sempre no outro, nunca em mim? Como posso dialogar, se me admito como um homem diferente, virtuoso por herança, diante dos outros, meros 'isto', em quem não reconheço *outros eu*? Como posso dialogar, se me sinto participante de um 'gueto' de homens puros, donos da verdade e do saber, para quem todos os que estão fora são 'essa gente', ou são 'nativos

inferiores'? Como posso dialogar, se parto de que *pronúncia* do mundo é tarefa de homens seletos e que a presença das massas na história é sinal de sua deterioração que devo evitar? Como posso dialogar, se me fecho à contribuição dos outros, que jamais reconheço, e até me sinto ofendido com ela? Como posso dialogar se temo a superação e se, só em pensar nela, sofro e definho? A auto-suficiência é incompatível com o diálogo. Os homens que não têm humildade ou a perdem, não podem aproximar-se do povo. Não podem ser seus companheiros de *pronúncia* do mundo. Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito que caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles. Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais (FREIRE, 1981, p.94-5).

Conforme a consulta feita ao *Dicionário Paulo Freire*, verbete *diálogo/dialogicidade*, elaborado por Jaime José Zitkoski, percebe-se que

a proposta de uma educação humanista-libertadora em Freire tem no *diálogo/dialogicidade* uma das categorias centrais de um projeto pedagógico crítico, mas propositivo e esperançoso em relação a nosso futuro. Em *Pedagogia do oprimido*, Freire (1993) elabora uma fundamentação teórico-filosófica sobre as condições do diálogo verdadeiro e seu papel central para uma educação libertadora. No terceiro capítulo desse mesmo livro, Freire retoma a concepção do diálogo como processo dialético-problematizador. Ou seja, através do diálogo podemos olhar o mundo e a nossa existência em sociedade como processo, algo em construção, como realidade inacabada e em constante transformação. Nessa perspectiva, o diálogo é a força que impulsiona o pensar crítico-problematizador em relação à condição humana no mundo. Através do diálogo podemos *dizer o mundo* segundo nosso modo de ver. Além disso, o diálogo implica uma *práxis social*, que é compromisso entre palavra dita e nossa ação humanizadora. Essa possibilidade abre caminhos para repensar a vida em sociedade, discutir sobre o *ethos cultural*, sobre nossa educação, a linguagem que praticamos e a possibilidade de agirmos de outro modo de ser, que transforme o mundo que nos cerca (ZITKOSKI, 2008, p. 130).

A base do pensamento freireano está no diálogo que é pronunciado por seres dialógicos, capazes de dizer a sua palavra como pronúncia do mundo. Para Freire pronunciar o mundo é mostrá-lo como realmente ele é, portanto, ter direito a educação é ter direito a ser sujeito da sociedade a qual o educando faz parte, poder e saber denunciar os problemas sociais é uma das necessidades humanas enquanto pessoas críticas. O ser humano pode através de sua palavra anunciar que é possível mudar a educação, a religião, a cultura, a economia, a saúde, a arte, a moradia, o transporte, a segurança, mudar através da denúncia, exigindo políticas públicas que sanem as grandes chagas dos menos favorecidos.

A educação dialógica desenvolvida por Paulo Freire por ser humanizadora, libertária, conscientizadora, criticista, política, humanista, pode transformar não só as

consciências, mas também a realidade. Para tanto, não basta afirmar que toda pessoa tem direito à instrução, que a educação é direito e dever de todos, faz-se necessário saber que tipo de educação esta sendo oferecida, qual é a finalidade e quais são as propostas que estão por traz deste direito. É importante saber onde estão sendo ministradas as aulas, em que condições chegam os educandos até seus colégios ou centro profissionalizantes, quais horários os educandos tem fora do colégio para realizarem suas tarefas ou fazerem suas práticas. Não basta dizer que educação é direito, quando existem educandos com fome, com frio, meninos, meninas, jovens, senhores, senhoras e idosos que não vão ao colégio por falta de uma alimentação adequada em suas casas, ou mesmo porque simplesmente ficam doentes e não possuem recursos para realizarem um tratamento médico adequado.

O Estado preocupa-se em investir na educação, quer que ela seja exemplar, mas está preocupado com números, preocupado com IDEB e tantas outras siglas que só exprimem o interesse de poderosos que se promovem a custa dos pobres, ou de políticos que roubam o investimento que poderia melhorar e muito a situação da educação como um todo em nosso país. Ter direito a educação é poder sair às ruas e gritar por esclarecimentos, gritar como forma de seres que são libertos, seres que se preocupam com seu futuro e o futuro de tantos que não podem e nem sabem que tem direito de exigir esclarecimentos sobre as verbas públicas.

Diante de tanta corrupção e desvio de verbas, hoje em dia sinal de cidadania é gritar, protestar, indignar-se, denunciar, e exigir que a verdade possa aparecer como a grande salvadora e libertadora de nossa nação.

Ao contrário de outras linhas pedagógicas, que só bitolam, oprimem e desumanizam, a educação proposta por Paulo Freire, é uma educação que desenvolve o senso crítico, estimula a participação, provoca o comprometimento com a sociedade da qual se participa e se faz parte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mundo em que vivemos é um mundo marcado pelo capitalismo e suas consequências catastróficas. A desigualdade social cresce cada vez mais,

consequentemente a violência aumenta, a falta de moradia, o desemprego, a miséria, a fome, a mortalidade infantil e a desnutrição em variadas partes do mundo. É necessário algum mecanismo para transformar esses problemas sociais e assim proporcionar uma mobilidade social para todas as classes.

Um dos meios para efetivação dos Direitos Humanos é a educação. Através de uma educação de qualidade gratuita, que capacite o cidadão para o mundo do trabalho e estimule a criticidade, será possível transformar as mais diversas realidades sociais. Promover a educação é dever do Estado e direito de cada cidadão que almeja ser alguém, mas a mera qualificação profissional não garante que o educando será mais crítico diante dos problemas que lhe aparecem. Qual o tipo de educação que deve possibilitar a promoção humana e seu desenvolvimento sócio-cultural, político e crítico? Eis uma das grandes preocupações que a sociedade deve se colocar. Educar para a liberdade. Estimular a criticidade, o comprometimento com as causas sociais, ser sujeito de sua própria história, promover a liberdade e a conscientização através da dialogicidade são alguns dos principais pontos sobre os quais Paulo Freire promove a educação dialógica.

O ser humano é capaz de modificar a realidade, modificar seus conceitos e suas ideologias quando ele pode ver, criticar e analisar sua própria realidade. O conhecimento é capaz de trazer ao cidadão a perspectiva de que ele é sujeito de seus direitos e deveres em sociedade. Uma educação dialógica tem a capacidade para mudar pensamentos, mudar as formas de convivências e experiências em sociedade, modificar hábitos que até então estavam dados como eternos e imutáveis.

Para que uma educação assim chegue a todas às pessoas, é urgente a conscientização de sua importância por parte do Estado, das famílias, movimentos sociais, associações, Organizações Não Governamentais, Igrejas, grupos sociais e comunidades, para com isso realizar um trabalho em conjunto proporcionando aos demais cidadãos mecanismos para a efetivação de sua dignidade.

A educação sempre deverá ser um direito defendido por todos, garantido pelo Estado de maneira gratuita, mas também pensar como educar deverá ser o dever que cada cidadão nunca poderá parar de questionar-se. Educar para que o ser humano sempre seja humano, educar para que a pessoa nunca se esqueça que ela é cidadã pode e deve transformar onde ela vive.

RESUMEN

El artículo XXVI de la Declaración Universal de los Derechos Humanos garantiza el derecho a la educación, se orienta al desarrollo de la personalidad humana , el respeto , la comprensión y la tolerancia entre las distintas naciones. Hay un tipo de educación que sólo aliena al ser humano, y hay otro tipo que promueve el diálogo , la criticidad , el cuestionamiento , la libertad , que se llama la educación dialógica , fue desarrollado y promovido por Paulo Freire. La educación es la forma más eficaz para transformar a las personas y la sociedad que lo componen . A través de la educación el hombre también construye su personalidad humana. Al estar garantizado por la Constitución Federal de Brasil , la educación para todos es un derecho y un deber conquistado . La principal preocupación es saber qué tipo de educación que se ofrece y con qué fines se están desarrollando . Educar para la venta o educar para la liberación. Podría tener el derecho y el deber de la educación no es suficiente , debe ser capaz de saber cómo y por qué están educando .

Palabras clave: Ciudadanía. Derechos Humanos. Educación. Paulo Freire. Sociedad.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Círculo de cultura. In: STRECK, Danilo R. (org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

_____. Método Paulo Freire. In: STRECK, Danilo R. (org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Disponível em <http://www.jusbrasil.com.br/topicos/1241734/artigo-205-da-constituicao-federal-de-1988>>. Acesso dia 24/11/2013

COIMBRA, C.M.B. **Direitos Humanos: Panorama histórico e atualidade**. Disponível em: <<http://server.slab.uff.br/textos/texto46.pdf>>. Acesso dia 31/11/2013.

D.U.D.H. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Disponível em: <http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm>. Acesso dia 24/11/2013.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Disponível em: <<http://forumeja.org.br/df/files/Educa%C3%A7ao%20como%20Pratica%20da%20Liberdade%20pdf.pdf>>. Acesso dia 24/11/2013.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GHIRALDELLI, Paulo Jr. **O que você precisa saber sobre Filosofia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HERBERT, Sérgio Pedro. Cidadania. In: STRECK, Danilo R. (org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

MOREIRA, Carlos Eduardo. Criticidade. In: STRECK, Danilo R. (org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Filosofia da educação: reflexões e debates**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

PNEDH . **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos**. Disponível em: <<http://portal.mj.gov.br/sedh/edh/pnedhpor.pdf>>. Acesso dia 24/11/2013.

RODRIGUES, Margarita et alii. **Gramsci e Educação**. Disponível em: <www.revistas.uniube.br/index.php/rpd/article/download/51/466>. Acesso dia 04/03/2014.

SACAVINO, Susana. **Direito humano à educação no Brasil: uma conquista para todos/as?** Disponível em: <http://www.redhbrasil.net/documentos/biblioteca_on_line/educacao_em_direitos_humanos/27%20-%20Cap%203%20-%20Artigo%205.pdf>. Acesso dia 26/11/2013

SÁENZ, J. Magdalena Montoya. La Libertad Cultural en la Declaración de Derechos Humanos. In: LÓPEZ-BARAJAS, E.; CORBELLA, M.R.(Cord.). **Derechos Humanos y Educación- Actas y Congresos**. Madri: Universidad Nacional de Educación a Distancia, 2000. p.149- 158.

VIEIRA, Cecília Maria et alii. **Reflexões sobre a meritocracia na educação brasileira** Disponível em:

<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/3525/2905>> Acesso dia 04/03/2014

ZANOTELLI, Jandir João. **Ontologia do Diálogo**. Pelotas: EDUCAT, 1996.

ZITKOSKI, Jaime José. Diálogo/dialogicidade. In: STRECK, Danilo R. (org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.